

Não Gosto (Quatro Conferências)

por Jorge Silva Melo



Jorge Silva Melo em *Vermeer et Spinoza* de Gilles Aillaud, enc. Jean Jourdeuil e Jean-François Peyret, Paris, 1984

dos programadores-autores (que temos e teremos?), dos ministros, directores-gerais sempre nomeados que nem Sísifos e a refazer leis que nem Penélope eliminando pretendentes, não gosto. Não digo das pessoas, até há de quem gosto e gostarei: é das funções, do tempo que perdem, do tempo que fazem perder, do mundo que tapam. Por isso vou dizer tudo e espero que olhos nos olhos. E, porque gosto de *happy-ends*, dizer que gosto, gosto de actores, actrizes, técnicos.

Jorge Silva Melo

Não gosto (dos críticos)

Quando, a propósito do último filme (*Shame*) de Steve McQueen leio, no *Público* de 7 de Setembro, uma recensão crítica assinada pelo Vasco Câmara com o título “O artista plástico que já é um cineasta”, fico a saber muitas coisas: que o crítico sabe o que é o cinema antes de o artista ter conseguido cumprir as alíneas do formulário; que o crítico saúda a entrada no redil da ovelha tresmalhada; que o crítico é o guardião de um saber que não quer ser abalado. Noutros tempos, chamávamos a isso um dogma e a quem os defendia (os sabedores), chamou Paul Nizan “Cães de Guarda”. Pois é: como foi que a Crítica, filha bem amada da Dúvida e da Conversa, inimiga da Igreja, musa de Galileu, foi descendo-descendo-caindo-caindo até ser enteada do Marketing, copy-paste dos press-releases e, sobretudo, silêncio, silêncio e estrelas qualitativas? Não me irei referir apenas à crítica de teatro, de belas e feias artes, ao espaço diminuto que foi deixando que lhe dessem na imprensa, às desvairadas pressões. O suicídio da crítica corresponde ao desaparecimento do debate político, ao empolamento inter-classista dos grandes eventos desportivos ou sazonais, ao silêncio que nos mata, ao espectáculo da discórdia transformado em *reality show* político ou semi-erótico. Sonho com uma

26 de Setembro

Não gosto dos críticos, não gosto

10 de Outubro

Não gosto de programadores, não sei o que fazem

17 de Outubro

Não gosto de ministros, secretários, chefes de gabinete, vereadores, assessores, directores-gerais e em geral

7 de Novembro

Gosto de actores, ai de mim

Je suis snob

Boris Vian

Já lá vão mais de 50 anos a ver e, mais tarde, a fazer teatro. Desde *Mar* de Miguel Torga, pelo TEP (em 1960? 61?), encenação de António Pedro, com a minha depois amiga Dalila Rocha, no Teatro

Variedades, até ao *Não se brinca com o amor* de Alfred de Musset (esse que se perguntou “Com que sonham as raparigas?”), que estreamos em Viseu, em Setembro de 2011. E já vi passar tanta coisa, críticos que surgiram, aterrorizaram as hostes durante nove meses e desapareceram ou se tornaram directores de televisões (sim, sim), amigos que foram ministros, ministros que se tornaram inimigos, programadores que não sei quem os inventou, directores de teatro, directores-gerais que encontro, frustrados, impotentes, reformados, tanta gente que andou pelas estreias (“hoje está cá fulano”, até se diz nos camarins, como se isso fosse determinante) e se foi indo embora. E que deixaram? Apetece-me lembrar-me dos seus percursos (alguns), das suas promessas, das suas derrotas, das suas ilusões, dos seus fracassos. E dizer que não gosto, não gosto mesmo nada, não gostei nem gosto. Não gosto dos críticos que temos (e dos que tivemos?), não gosto

SEGUNDAS-FEIRAS 26 SETEMBRO; 10 E 17 OUTUBRO; 7 NOVEMBRO DE 2011 · 18H30 · SALA 2

crítica violenta, parcial, fraterna, injusta se o conseguirem, apaixonada filha da Obra, sua antagonista e companheira, não quero viver sozinho. É disto que vou falar, nervoso.

Jorge Silva Melo, 20 de Setembro de 2011

Jorge Silva Melo

Estudou na London Film School. Fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia (1973/79). Foi crítico de cinema e teatro em *O Tempo e O Modo*, *Diário de Lisboa*, *A Capital*, *Letras & Artes*. Em 1972, dirigiu, com Eduarda Dionísio, Luis Salgado de Matos e Luis Miguel Cintra, o mensário *Crítica*. Bolseiro da Fundação Gulbenkian, estagiou em Berlim junto de Peter Stein e em Milão junto de Giorgio Strehler. É autor do libreto de *Le Château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne) de Philippe Hersant, das peças *Seis Rapazes Três Raparigas*, *António*, *Um Rapaz de Lisboa*, *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós*, *Prometeu*, *Num País Onde Não Querem Defender os Meus Direitos*, *Eu Não Quero Viver* baseado em Kleist, de *Não Sei* (em colaboração com Miguel Borges), *O Navio dos Negros*, *A Fala da Criada dos Noailles...* e *Da República e das gentes* (com Manuel Gusmão). Realizou as longas-metragens *Passagem ou A Meio Caminho*, *Ninguém Duas Vezes*, *Agosto*, *Coitado do Jorge*, *António*, *Um Rapaz de Lisboa*, a curta-metragem *A Felicidade*. E vários documentários sobre artistas (António Palolo, Joaquim Bravo, Glicínia Quartín, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira). Traduziu obras de Carlo Goldoni, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Heiner Müller e Harold Pinter. Reuniu muitos dos seus textos em *Século Passado* (Livros Cotovia) e prepara uma nova compilação de textos sobre teatro (*A Mesa Está Posta*) para ser editada em 2013. Fundou, em 1995, os Artistas Unidos de que é director artístico.

SEGUNDAS-FEIRAS 26 SETEMBRO; 10 E 17 OUTUBRO; 7 NOVEMBRO DE 2011 · 18H30 · SALA 2
